



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Sandra Oliveira da Silva

**ATIVISMO, ACADEMIA E COMUNICAÇÃO:  
O TRIPÉ DE ATUAÇÃO DE SUELI CARNEIRO, ATIVISTA E INTELLECTUAL  
BRASILEIRA**

Brasília/DF

2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Sandra Oliveira da Silva

**ATIVISMO, ACADEMIA E COMUNICAÇÃO:  
O TRIPÉ DE ATUAÇÃO DE SUELI CARNEIRO, ATIVISTA E INTELLECTUAL  
BRASILEIRA**

Projeto Final apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo. Orientadora: Prof. Dra. Dione Oliveira Moura.

Brasília/DF  
Setembro de 2022

Sandra Oliveira da Silva

**ATIVISMO, ACADEMIA E COMUNICAÇÃO:  
O TRIPÉ DE ATUAÇÃO DE SUELI CARNEIRO, ATIVISTA E INTELLECTUAL  
BRASILEIRA**

Brasília/DF

19 de setembro de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Dione Oliveira Moura | Orientadora  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Dra. Kelly Tatiane Quirino | Examinadora  
Fundação Banco do Brasil - FBB  
Universidade Católica de Brasília - UCB  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Ma. Juliana César Nunes | Examinadora  
Empresa Brasil de Comunicação - EBC  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Dra. Cristiane Parente | Suplente  
Universidade de Brasília - UnB

# ATIVISMO, ACADEMIA E COMUNICAÇÃO: O TRIPÉ DE ATUAÇÃO DE SUELI CARNEIRO, ATIVISTA E INTELLECTUAL BRASILEIRA

Sandra Oliveira da Silva

## RESUMO

O artigo se propõe a investigar produções acadêmicas que resultaram em dissertações ou teses sobre a intelectual e ativista Sueli Carneiro, referenciada como uma das pioneiras do feminismo negro e voz potente na luta pelos direitos da população negra brasileira. A metodologia aplicada no estudo foi a de pesquisa e revisão bibliográfica de produções teóricas disponíveis em bancos digitais de teses e dissertações, sendo selecionados os trabalhos que abordam a vida e/ou obra de Sueli Carneiro como tema principal ou capítulo especial. Além disso, estão incluídas pesquisas que tenham o Geledés - Instituto da Mulher Negra como temática central ou pelo menos um capítulo especial dedicado à instituição. O levantamento de dados e a revisão bibliográfica permitiram compreender epistemologia negra e feminismo negro como temas centrais absorvidos do pensamento da intelectual, além de sua vasta atuação no campo ativista junto ao Geledés e de sua apropriação da comunicação como ferramenta de resistência e combate.

**Palavras-chave:** Sueli Carneiro, Geledés, produção acadêmica, movimento de mulheres negras, epistemologia negra, feminismo negro

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla chamada: “As Comissões de Igualdade Racial/Cojira dos Sindicatos dos Jornalistas: perfil e atuação das jornalistas negras por meio das comissões Cojira e a feminização do jornalismo”, iniciada em 2016, tendo como Coordenadora Geral a Profa. Dra. Dione Moura<sup>1</sup> (MOURA e ALMEIDA, 2020; MOURA e SANTOS, 2021), orientadora da presente pesquisa em Projeto Experimental em Jornalismo. Nesta etapa buscamos compreender a importância que intelectuais negras têm na formação das novas gerações de mulheres negras.

Lélia Gonzalez é uma das pensadoras já estudadas por Moura e Santos (2021), e o presente artigo busca abranger esta análise. Portanto, o objetivo principal deste estudo é identificar e caracterizar a importância da obra e ativismo de Sueli Carneiro para a formação das novas gerações de jornalistas, pesquisadoras e/ou ativistas negras.

Sueli Carneiro é da geração de intelectuais e ativistas negras brasileiras que foram inspiradas por Lélia Gonzalez e que trilharam os caminhos que por ela foram abertos. “Sueli Carneiro é um patrimônio histórico, cultural e político que desbravou caminhos para a propagação do pensamento feminista negro e a luta por marcos civilizatórios humanitários” (RIBEIRO in CARNEIRO, 2019, p. 4). Assim como Lélia, Sueli é ao mesmo tempo

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Informação pela UnB. Docente da graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB).

acadêmica e ativista. Em ambos campos, é comprometida com o feminismo negro interseccional e com o fortalecimento da epistemologia negra (GIUSEPPE, 2019; SANTANA, 2020; LOBATO, 2020; SILVA, 2021; BARTHOLOMEU, 2021).

Com uma vasta contribuição de produção intelectual acadêmica e midiática tanto no movimento negro quanto no movimento feminista negro, além de seu papel ativista na construção de políticas públicas por meio do Geledés - Instituto da Mulher Negra, Sueli Carneiro é especialista e referência sobre a questão da mulher negra no Brasil, mas vai além ao pautar e discutir diversos temas dentro dos debates de relações raciais e de gênero, como juventude negra e desigualdade de classes.

Nascida em 1950 na Vila Bonilha, no bairro da Lapa, periferia de São Paulo, Aparecida Sueli Carneiro teve primeiro contato com o Movimento Negro Unificado (MNU) na década de 70 do século XX, ainda jovem e durante a Ditadura Militar que marcou o período. Essa fase de sua vida foi decisiva para a formação da filósofa, ativista, feminista negra e intelectual que viria a ser anos depois (BORGES, 2013).

Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e muitas outras ativistas feministas negras continuaram a lutar pelas questões relativas às mulheres negras. Essa luta é ainda mais notável quando se sabe que ocorreu sob o regime militar no Brasil (1964-1985) e precedeu o entendimento contemporâneo da interseccionalidade. A política nacional brasileira sobre raça e democracia combatia esse ativismo (KOLLONTAI et. al., 2019, p. 17).

Sueli Carneiro cursou filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e nesta fase de descobertas encontrou em Lélia Gonzalez o direcionamento que precisava para organizar seus sentimentos, conflitos e ambições enquanto mulher negra que estavam guardados no peito, confusos e dolorosos. “Ao ouvi-la, Sueli Carneiro soube o que era necessário fazer: atuar politicamente pelas mulheres negras” (SANTANA, 2021, p.92).

Aproximar-se de sua negritude com o Candomblé, conhecer, ouvir e aprender com intelectuais negros, além de estar presente nos ambientes do ativismo negro nas décadas de 70 e 80 foram passos essenciais para que, durante este período, a autora pudesse entender e solidificar sua identidade negra para atuar politicamente nas pautas raciais e de gênero (SANTANA, 2021)

Fez parte do Conselho Estadual de Mulheres Negras de São Paulo, que reivindicava a presença das mulheres negras no recém-fundado Conselho Estadual da Condição Feminina, em que anos depois passou a ser conselheira. Dentro do Conselho Estadual da Condição Feminina, Sueli produziu o notório dossiê sobre questões de raça e gênero, com enfoque nas mulheres negras, e o Calendário das Mulheres Negras, em 1987. No ano seguinte, seguiu na articulação política pelas mulheres negras ao coordenar as atividades

relacionadas ao Centenário da Abolição durante o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Ainda em 1988, o Geledés - Instituto da Mulher Negra foi fundado na intenção de aproveitar a redemocratização e incidir na construção da nova constituição brasileira.

Sem engessar a profícua trajetória de Sueli Carneiro, podemos, esquematicamente, dizer que ela promoveu três grandes viradas no campo das políticas de gênero: a) *mudanças de perspectivas no Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo*; b) *centralidade da questão feminina negra no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher*; e c) *fundação de Geledés – Instituto da Mulher Negra*. Concomitantemente, trabalhou com intensidade febril em muitas frentes para realocar, em justiça e dignidade, negros e negras nos lugares que lhes cabem (BORGES, 2013, posição 568-573).

Depois de desistir da seleção para a pós-graduação anteriormente como “gesto de rebeldia”, Sueli Carneiro retornou à academia com uma bagagem robusta de experiência ativista. Desta vez, encarou o ingresso no mestrado como “uma oportunidade de refletir sobre o que havia feito até o momento, de sistematizar a ação política, organizar o pensamento” (SANTANA, 2021, p. 232). Esse retorno aconteceu no ano de 1999, época em que ela se dedicou a um complexo projeto de pesquisa que planejava “investigar a aplicação dos conceitos de dispositivo e de biopoder, de Michel Foucault, ao domínio das relações raciais” (SANTANA, 2021, p. 232). Seu principal objetivo era compreender as mecânicas do racismo no Brasil e como o mesmo dita as dinâmicas de poder. A intenção era se debruçar sobre o tema por vários anos, começando pelo mestrado e aprofundando no doutorado, mas durante a qualificação a banca definiu que a pesquisa tinha a complexidade de uma tese, não de dissertação. Ao passar diretamente da qualificação do mestrado para o doutorado, o tempo que a intelectual tinha disponível para trabalhar na pesquisa diminuiu drasticamente.

Em 2005, Sueli Carneiro defendeu seu trabalho, que se tornou uma obra de referência na área da Epistemologia Negra, com título de “A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser”.

Sueli Carneiro enegreceu o feminismo no Brasil. E também fez das mulheres as protagonistas do movimento negro. Não sozinha, é evidente. As estratégias coletivas de luta marcaram — e ainda marcam — sua reconhecida atuação política (SANTANA, 2021, p.260).

Como nos conta Santana (2021, p. 188), entre 2000 e 2011 escreveu para o *Correio Braziliense* quinzenalmente e integrou a equipe da coluna Opinião onde levou ao debate público, em uma mídia de comunicação de massa como o jornal impresso, um olhar crítico sobre questões relacionadas à raça, gênero, classe, sexualidade, saúde e diversos outros assuntos que fossem pertinentes à população negra brasileira.

Carneiro produziu mais de 163 colunas para diversos periódicos, todas devidamente documentadas em seu currículo Lattes e acopladas no Portal Geledés, até o momento de escrita dessa pesquisa. Dessas, 158 foram para o Jornal Correio Braziliense, um conjunto de escritos não acadêmicos que se insere nesse ambiente digital com grande destaque (SILVA, 2021, p.58).

Sueli Carneiro é uma intelectual que entende a importância da acessibilidade ao pensamento anti-racista e anti-sexista (CARNEIRO, 2019a; CARNEIRO, 2019b; CARNEIRO, 2005; CARNEIRO, 2003). Dessa forma, sua presença midiática e social contribui para que as temáticas de raça e gênero estejam constantemente em relevância no debate público.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se estruturou a partir de uma sistemática pesquisa em bancos virtuais de trabalhos acadêmicos, sendo eles o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A presente pesquisa além de ser qualitativa, tem caráter exploratório e descritivo, com o principal objetivo de investigar as produções acadêmicas de maior fôlego (teses e dissertações) que levem Sueli Carneiro, sua obra intelectual ou suas atividades ativistas como temática.<sup>2</sup> Tal metodologia foi aplicada previamente no artigo de Moura e Santos (2021).

A princípio, o descritor utilizado na busca dos bancos foi “Sueli Carneiro”, o que resultou em 8 trabalhos, sendo 5 dissertações e 3 teses. O critério de seleção se deu a partir de trabalhos que tenham Sueli Carneiro como tema central ou, pelo menos, um capítulo especial dedicado à sua vida ou obra.

No entanto, ao longo da revisão desta bibliografia foi impossível ignorar a importância que o Geledés - Instituto da Mulher Negra tem para a trajetória de Sueli Carneiro, uma vez que a intelectual ativista foi uma de suas criadoras e desde sua fundação é um dos meios pelos quais a mesma incide na pauta das mulheres negras de forma política.

Dessa forma, o descritor “Geledés” também foi aplicado nos bancos virtuais. Como resultado foram encontradas 12 dissertações que, como anteriormente, foram selecionadas baseadas em tratar do instituto como tema central ou terem, pelo menos, um capítulo dedicado a ele.

Entendendo que a epistemologia negra e o feminismo negro são marcadores importantes do pensamento teórico de Sueli Carneiro, enquanto o Geledés - Instituto da

---

<sup>2</sup> A presente pesquisa aplica a metodologia de análise de revisão bibliográfica originalmente empregada no Projeto de Pesquisa coordenado pela pesquisadora Dione Moura, ao qual o presente projeto de pesquisa está vinculado. Uma aplicação da metodologia está apresentada, por exemplo, em Moura e Santos (2021), além de artigos e capítulos manuscritos apresentados em eventos e/ou aprovados para publicação. Na pesquisa de Moura, a primeira autora a ser pesquisada foi Lélia Gonzalez, em seguida, a etapa da presente pesquisa, segue com Sueli Carneiro. A coordenadora geral dará seguimento com a mesma metodologia, trazendo levantamento de outras pesquisadoras feministas negras (a exemplo de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro), as quais têm tido papel fundamental na formação de jornalistas negras brasileiras. Na próxima etapa da pesquisa geral, será divulgado o resultado do levantamento da contribuição de Lélia Gonzalez (MOURA e SANTOS, 2021) e a presente etapa com o levantamento de Sueli Carneiro. O Projeto coordenado pela orientadora está inscrito no CNPq com Bolsa PQ.

Mulher Negra é seu principal eixo de articulação com outras mulheres no âmbito da práxis na busca pela transformação social, a pesquisa se divide em dois momentos. O primeiro, que objetiva investigar as produções acadêmicas produzidas com foco em Sueli Carneiro e sua vida e/ou obra, seja como tema central ou capítulo especial. E, por compreender a relação quase inseparável de Sueli Carneiro com o Geledés, enquanto uma organização cara para a luta das mulheres negras brasileiras, o segundo momento se desdobra ao dar sequência à investigação com produções acadêmicas sobre o Geledés - Instituto da Mulher Negra.

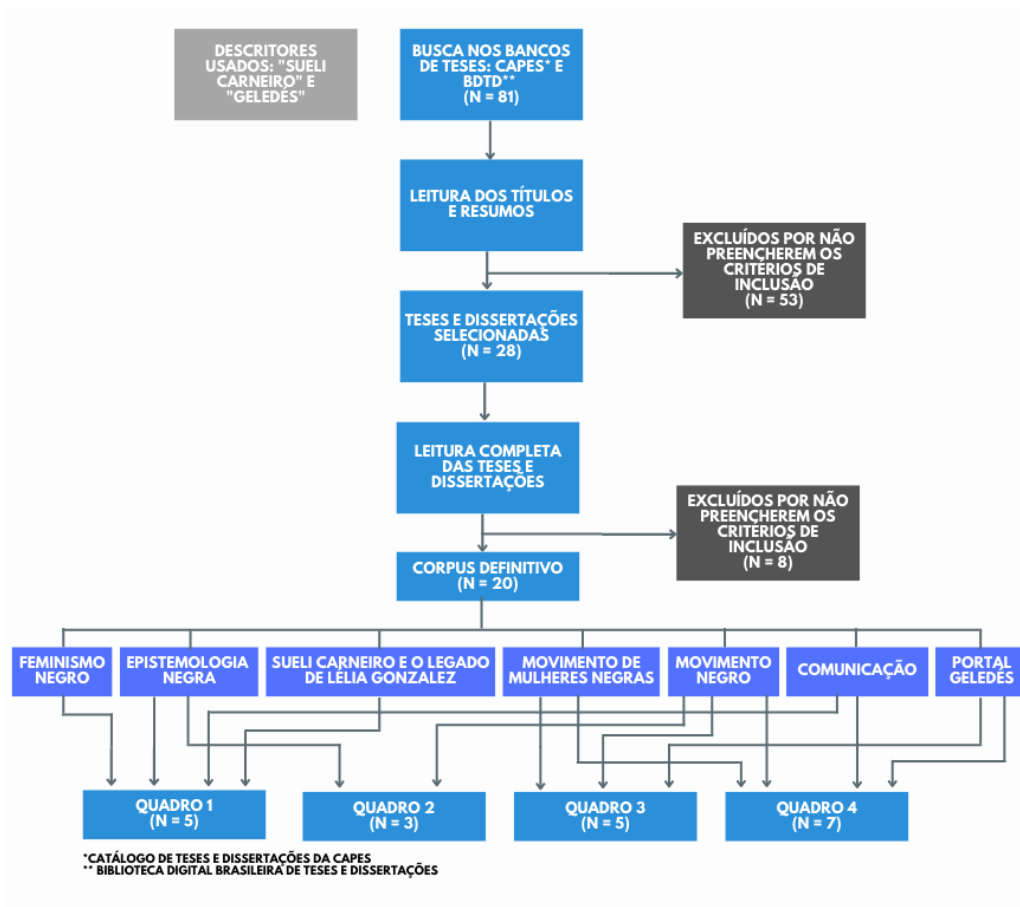
Portanto, foi possível chegar em um *corpus* final composto por 20 pesquisas acadêmicas, 3 teses e 17 dissertações, que falam de Sueli Carneiro direta ou indiretamente e servem uma base consideravelmente sólida para entender a importância da filósofa para o movimento de mulheres negras, assim como para a luta anti-racista no Brasil. O presente estudo se deu a partir de pesquisa bibliográfica do *corpus* levantado, utilizando a análise de conteúdo para chegar em uma categorização dos registros encontrados.

A sistematização dos dados levantados a partir do *corpus* resultou em quatro quadros que serão apresentados e dissecados nas próximas sessões.

Cada quadro possui um termo “guarda-chuva” que pode descrever uma característica comum aos trabalhos, sendo o Quadro 1 o afeto, Quadro 2 a memória, Quadro 3 a ação e Quadro 4 a conexão.



Figura 1 - Procedimentos metodológicos



Fonte: Elaboração da autora

### 3. SUELI CARNEIRO EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS

A relevância de Sueli Carneiro para a luta anti-racista no Brasil tanto no meio acadêmico quanto no universo militante e ativista é inegável<sup>3</sup>. Em 2013 entrou para a coleção Retratos do Brasil Negro, ao lado de figuras icônicas para o movimento negro como Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez (BORGES, 2013).

Suas contribuições teóricas são referenciadas como parte do campo da Epistemologia Negra. Em sua tese de doutorado (CARNEIRO, 2005), a pensadora aproveita o conceito de dispositivo da sexualidade de Michel Foucault (1979) e o adapta para a situação racial brasileira, na construção do chamado dispositivo de racialidade/biopoder, além de articular a clássica teoria de contrato social com racismo, colonialismo, território e identidade (SANTANA, 2021, p. 235). Ainda na tese, e bebendo do conceito de epistemicídio de

<sup>3</sup> Em 18 de março de 2022, Sueli Carneiro foi a primeira mulher negra a receber o título de *honoris causa* pela Universidade de Brasília (UnB). O título é dado a pessoas com “relevante projeção nacional ou internacional, que tenham contribuído de modo notável, para o progresso das Ciências, Letras, Artes ou Cultura em geral e/ou que tenham beneficiado de forma excepcional à humanidade ou o país”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/03/23/sueli-carneiro-e-primeira-mulher-negra-a-receber-titulo-de-doutora-honoris-causa-na-unb.ghtml>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Boaventura de Sousa Santos (1994), a autora vai além ao apontar que o sistema brasileiro faz a manutenção do racismo epistêmico, que objetiva uma morte cultural antes mesmo do genocídio.

Os pensamentos de Sueli Carneiro escritos em forma de artigos políticos ou para coluna jornalística em sua maioria falam sobre o universo da mulher negra: seus desafios, dores, identidade, representações, ancestralidade, místicas e conquistas. Embora seu leque de temas seja vasto ao abranger questões como a juventude negra, violência policial, cotas raciais e direitos humanos é, principalmente, por suas produções no âmbito do *feminismo negro*, enquanto campo epistêmico, que Sueli Carneiro é referenciada (LOBATO, 2020).

Apontada como uma intelectual orgânica, pois “os intelectuais orgânicos estão inseridos no campo de transformação social e política, fazem parte da sociedade civil e defendem os interesses da classe que ele está inserido articulando o social, cultural e político” (LOBATO, 2020, p.14), Sueli Carneiro vê sentido na teoria como forma de potencializar a ação, como diz em depoimento para Rosane Borges em Retratos do Brasil Negro:

A teoria para mim é um instrumento pra potencializar a ação, e a ação política é um instrumento que potencializa a reflexão sobre um determinado campo. Não é que eu tenha uma visão absolutamente instrumental, só, da atividade acadêmica, mas na minha vida ela sempre esteve articulada com isso: produzir sentidos transformadores para a vida das pessoas (CARNEIRO in BORGES, 2013, posição 954-956).

Nesse sentido, a fundação do Geledés - Instituto da Mulher Negra em 1988 foi resposta para a necessidade de articular, com autonomia, no âmbito do poder público formas práticas de melhorar a condição de vida das mulheres negras brasileiras. Fundado por Sueli Carneiro, Edna Roland, Sônia Nascimento, Deise Benedito, Maria Lúcia da Silva, Aparecida Solimar Carneiro, Elza Maria da Silva, Eufrosina Teresa de Oliveira e Lúcia Bernardes Souza, o Geledés é uma organização que desde sua criação atua no fortalecimento de ações afirmativas e na luta por articulação de políticas públicas nas áreas da saúde, direitos humanos, educação e comunicação. Em 2022, Sueli Carneiro faz parte da coordenação executiva do instituto e é coordenadora de Difusão e Gestão da Memória Institucional. Além disso, coordena a área de Direitos Humanos da instituição<sup>4</sup>.

É importante destacar que no que se refere ao Geledés a intenção foi de observar e investigar as formas com que Sueli Carneiro incide no movimento de mulheres negras a partir da instituição, e não inferir que toda frente de articulação do instituto está diretamente relacionado a ela, uma vez que é uma organização composta por várias mulheres que, coletivamente, constroem de forma potente a disputa diária contra as múltiplas formas de

---

<sup>4</sup> “Sueli Carneiro – Coordenadora de Difusão e Gestão da Memória Institucional”. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro-coordenadora-de-difusao-e-gestao-da-memoria-institucional/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

desigualdade às quais as mulheres negras estão submetidas, em uma constante luta contra o racismo e sexismo.

Desta forma, na primeira sessão, dedicada à vida/obra de Sueli Carneiro foi esquematizado o Quadro 1, que é composto por 5 trabalhos acadêmicos (3 dissertações e 2 teses) entre 2019 e 2020. Já o Quadro 2, que se refere a estudos que tenham ao menos um capítulo especial sobre Sueli Carneiro, foi formado por 3 estudos (2 dissertações e 1 tese), publicados entre 2009 e 2019.

Na segunda sessão, que se refere ao Geledés - Instituto da Mulher Negra, o Quadro 3, dedicado aos trabalhos onde o instituto é temática central, foi formado por 5 dissertações publicadas entre os anos 2006 e 2021. Por fim, o Quadro 4, dedicado aos trabalhos onde há pelo menos um capítulo especial sobre o instituto ou suas ações, é o mais robusto contendo 7 dissertações, que foram publicadas entre os anos 2007 e 2019.

Portanto, a temporalidade da pesquisa abrange produções acadêmicas, que estiveram disponíveis à consulta, de 2006 até 2021.

### 3.1 SUELI CARNEIRO E O LEGADO DE LÉLIA GONZALEZ, FEMINISMO NEGRO E EPISTEMOLOGIA NEGRA

Para compreender os dados coletados foi preciso categorizar os estudos. Na construção do Quadro 1 as categorias são “Sueli Carneiro e o legado de Lélia Gonzalez”, “Feminismo negro”, “Epistemologia negra” e “Comunicação”.

**Quadro 1 (Afeto)** - Teses e dissertações que apresentam Sueli Carneiro e/ou sua obra como tema central.

<b>Categoria</b>	<b>Autoria/Título</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>
Feminismo negro/ Epistemologia negra	BRITO, Bianca Maria Santana de. A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo.	Tese	2020
	LOBATO, Danielle de Castro Silva. Contribuições de Sueli Carneiro para o pensamento decolonial, feminista e anti-racista latino-americano.	Dissertação	2020

Comunicação/Sueli Carneiro e o legado de Lélia Gonzalez	SILVA, Pâmela Guimarães da. De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência.	Tese	2021
Epistemologia Negra/Sueli Carneiro e o legado de Lélia Gonzalez	BARTHOLOMEU, Juliana. Epistemologias negras insurgências e deslocamentos intelectuais em Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez	Dissertação	2021
	GIUSEPPE, Aline Di. Intelectuais negras e o movimento do conceito como intervenção do mundo	Dissertação	2019

Fonte: Elaboração da autora

A relação com Lélia Gonzalez se estabelece, primeiramente, pelo impacto que a intelectual teve na vida de Sueli Carneiro, que em várias ocasiões cita com entusiasmo o episódio em que a ouviu falar pela primeira vez (BORGES, 2013; SANTANA, 2021, PEREIRA, 2010). O afeto com o qual Sueli Carneiro reverencia Lélia Gonzalez é semelhante à forma que as autoras deste primeiro quadro se referem à própria em suas pesquisas. Como citado anteriormente, é a partir dessa fala de Lélia que a jovem Sueli se sente compreendida e, de certa forma, encontra a organização de pensamentos que precisava para entender o papel que queria ocupar no ativismo.

Carneiro relata que Gonzalez tinha carisma inigualável. “O que mais me impactava em sua fala era sua capacidade de traduzir as experiências e vivências das mulheres negras como se ela tivesse o poder de perscrutar corações e mentes, sintetizar e vocalizar dores e inquietações que nos afligiam e que não conseguimos elaborar por nós mesmas”, relata a pensadora paulistana, hoje com 70 anos. Carneiro conta que a fundação do Geledés, por exemplo, foi influenciada pelo Nzinga, coletivo de mulheres negras criado por Gonzalez e outras ativistas em 1983.<sup>5</sup>

Dessa forma, podemos entender que Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez são elos de um legado intelectual, mas também fortemente afetivo, que segue mantendo vivo o movimento de mulheres negras. Vale ressaltar como a afetividade é bússola que guia e atribui ainda mais sentido às referidas pesquisas, escritas de forma sensível onde as autoras falam a partir de um lugar de resistência, de encontro e de construção de suas subjetividades. São trabalhos acadêmicos que servem ao propósito científico, mas que vão além ao servirem como forma de celebrar a memória de intelectuais negras e, de certa forma, proporem um lugar de conforto, de compreensão e de atribuição de sentido. Tais produções existem como forma de afirmar: não estamos sozinhas, muitas vieram antes e infinitas virão depois.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>. Acesso em 20 jul. 2022.

A forma como Sueli Carneiro e outras intelectuais negras são destacadas nas pesquisas já referidas, e nas que virão a seguir, entra em sintonia com o resgate que MOURA e ALMEIDA (2020) fizeram do conceito de *vigilância comemorativa* (NORA, 1993). Tais produções acadêmicas podem ser consideradas *lugares de memória* por instrumentalizar o reconhecimento de um grupo social ao abordar a questão da identidade da mulher negra a partir da vida e das obras das intelectuais negras citadas. A vigilância comemorativa é sobre a resistência ao esquecimento e no caso da população negra, no geral, e das mulheres negras, especificamente, tal esquecimento é sistematicamente imposto, uma vez que a elas está reservado o não-lugar<sup>6</sup>.

Sueli Carneiro defende que preservar a memória do movimento negro, no sentido material, é um ato político.

Há uma debilidade dos nossos registros. E isto tem consequências negativas para a militância, na medida em que as pessoas sempre chegam achando que têm de inventar a roda e acabam por reproduzir ações já experimentadas. Eu sempre fico apreensiva com o fato de que nós não temos toda a obra do Abdias Nascimento plenamente disponibilizada. Outro dia, chegou uma professora de uma universidade canadense, uma orientadora, que estava interessada na obra do Abdias. O Abdias Nascimento é considerado internacionalmente um dos grandes nomes do pan-africanismo, e não existe correlação dessa importância internacional com a reverberação que ele tem no Brasil, para ficar num exemplo mais emblemático. Então é preciso um esforço de todos nós, sobretudo dos mais velhos, para tornar disponíveis pensadores como Abdias, Kwame N’Kruma, Lumumba, Amílcar Cabral, Samora Machel, Senghor. Há um patrimônio político africano e diaspórico que não chega facilmente pra nós. É um sonho construir essa memória, me ocupar com essas coisas, facilitando, assim, que isso chegue facilmente às próximas gerações militantes. Essa é uma questão da maior importância, porque o pensamento desses intelectuais continua absolutamente imprescindível para conhecermos nossa trajetória como um povo vilipendiado e, sobretudo, para preservar a memória da resistência, que está na África e em todos os continentes. É inadmissível a gente não ter o trabalho de Lélia Gonzalez organizado numa publicação, disponibilizado na internet. Para mim, essa tarefa é parte de um desafio importante, de construção e preservação da nossa memória, a memória das nossas lutas, da nossa resistência no Brasil e no mundo. Essa é uma questão que ainda me mobiliza muito (CARNEIRO in BORGES, 2013, 971-982).

Pela data de publicação das produções acadêmicas presentes no Quadro 1, é possível perceber que Sueli Carneiro começa a ocupar o tema central de teses e dissertações no ano de 2019, e que se mantém constante em 2020 e 2021. O ano de 2020 é importante, pois é quando a Casa Sueli Carneiro é fundada com o objetivo de abrir o espaço onde Sueli morou por 40 anos para o público, com atividades formativas e também como manutenção do legado da intelectual ativista. O ritmo segue no ano seguinte, pois a biografia “Continuo

---

<sup>6</sup> Neste sentido, memória e poder são equivalentes. O direito de ser celebrado está guardado aos detentores do poder, nas palavras de Sueli Carneiro: “A relação entre mulher negra e poder é um tema praticamente inexistente. Falar dele é, então, como falar do ausente” (CARNEIRO, 2019, p. 218).

Preta”, resultado da pesquisa da jornalista Bianca Santana (Quadro 1), é publicada em maio de 2021 sob o selo da Companhia das Letras.

Se utilizarmos o levantamento de MOURA e SANTOS (2021) sobre Lélia Gonzalez, podemos perceber que as produções acadêmicas sobre a autora foram presentes na segunda metade dos anos 2000, durante todos os anos 2010 e permanece no início dos anos 2020 ao ser relacionada com Sueli Carneiro e outras mulheres negras intelectuais.

A tese de doutorado, “A construção do Outro como não-ser como fundamento do Ser”, é referenciada dentro do campo da Epistemologia Negra. Nela, Sueli Carneiro articula conceitos foucaultianos para compreender a engenharia racista no Brasil e o modo como esta máquina opera na subjetividade antes mesmo da prática. A partir da investigação de Sueli, podemos entender as várias facetas e dimensões do racismo, que é genocida mas também epistemicida. A tese é uma ferramenta para ajudar a compreender o não-lugar das mulheres negras, enquanto categoria, na máquina racista brasileira (CARNEIRO, 2005).

A partir da análise crítica de Carneiro (2005), é possível entender que o racismo opera na sociedade de forma a subjugar e impor às mulheres negras o lugar da base na pirâmide social por sofrerem uma opressão interseccional de raça, classe e gênero. Dentro do campo feminista, a busca pela representação das questões raciais no debate de gênero é um desafio, principalmente pela necessidade da quebra com a dinâmica ocidental solidificada no movimento.

Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando? Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura. Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade, porque o mito da democracia racial presente em todas nós torna desnecessário o registro da cor dos pacientes nos formulários da rede pública, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos, por dados de outros países, que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde (CARNEIRO, 2019, 326).

Sobre o feminismo negro, Sueli Carneiro diz:

Essa história de feminismo negro com a característica que isso adquiriu é uma coisa mais recente. Não tá na origem da nossa mobilização, a gente se via na década de 80 e 90 como movimento de mulheres negras. (...) O conceito que eu dei para essa mobilização de mulheres negras no interior do feminismo foi enegrecendo o feminismo. A minha perspectiva nesse artigo que acabou se tornando, sei lá, meio paradigma dessa inserção das mulheres negras no movimento de mulheres e no movimento feminista. Na verdade, nós mulheres negras entramos nessa história trazendo o debate do enegrecimento seja lá pro que for, fosse feminista, fosse movimento de mulheres, nós entramos com a perspectiva de que fosse um lado ou outro ou os dois, não lidavam com a maneira que nós entendíamos que era necessária a temática da mulher negra e nós, nos organizamos com esse objetivo, de enegrecer a agenda feminista (CARNEIRO in PRADO, 2020, p. 72).

Para a questão da comunicação, notou-se apropriado reservar uma sessão mais a frente para discutir o tema.

### 3.2 MOVIMENTO NEGRO

Com seus 72 anos, Sueli Carneiro vivenciou na juventude a reformulação do movimento negro a partir do final de sua segunda fase<sup>7</sup>. Logo, como uma das fundadoras do Geledés - Instituto da Mulher Negra e ativista negra, Sueli Carneiro é uma fonte rica sobre a temática racial e de gênero, portanto, seus depoimentos são elucidantes e carregam os detalhes de quem viveu e atuou no movimento negro dos anos 70 e 80. Sendo assim, a intelectual é entrevistada e contribui para a narrativa das duas pesquisas sobre o movimento negro presentes no Quadro 2.

**Quadro 2 (Memória)** - Teses e dissertações que apresentam um ou mais capítulos sobre Sueli Carneiro e/ou sua obra e pensamento.

<b>Categoria</b>	<b>Autoria/Título</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>
Movimento negro	PEREIRA, Amilcar. O Mundo Negro a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)	Tese	2010
Movimento negro	GOMES, Marcus Vinícius. O Movimento Negro e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial: um estudo sobre a luta por sentidos sobre a desigualdade racial no Brasil	Dissertação	2009
Epistemologia negra	SOARES, Victor. MAR ABERTO Diáspora Negra e(m) Imagens no Audiovisual e no Teatro	Dissertação	2019

Fonte: Elaboração da autora

Como testemunha viva dos desenrolares históricos do movimento negro brasileiro no final do século XX, a existência de Sueli Carneiro é abundante para a consulta por carregar consigo a experiência que apenas a vivência pode garantir. O exercício da memória é, como dito anteriormente, um ato político. Ao documentar o movimento da população negra brasileira sob uma ótica de protagonismo, e não meramente de objeto de estudo, cria-se uma tensão disruptiva na narrativa hegemônica que se fortalece no silêncio do esquecimento, no vazio do epistemicídio.

### 3.3 GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA

A segunda sessão é composta pelas categorias “Movimento de mulheres negras”, “Movimento negro”, “Portal Geledés” e “Comunicação”.

O Geledés - Instituto da Mulher Negra, de nome inspirado na tradição africana do culto das *Geledè*, foi uma das instituições que seguiram a onda de “onguização” dos

<sup>7</sup> “Linha do tempo – A estruturação de Movimentos sociais negros no Brasil” (SANTOS, 2017, p.41)

movimentos sociais a partir dos anos 1980 (ALVES, 2013). Nasceu dedicado a três eixos: Direitos Humanos, Saúde e Comunicação. É uma instituição comprometida com a causa das mulheres negras, mas que tem um leque de atuação abrangente.

O Geledés envolve projetos e ações que contemplam não apenas as mulheres negras, mas também jovens afro-descendentes, no intuito de fortalecer a auto-estima e impulsionar crescimento pessoal e profissional nesses jovens (ALVES, 2013, p. 132).

Foi um dos primeiros a prover assistência jurídica a casos de racismo com o projeto SOS Racismo, além de atuar junto à juventude com o projeto Geração XXI (KASAI, 2006), ser peça central para o desenvolvimento do *rap* e *hiphop* brasileiro como conhecemos hoje com o projeto Rappers e Feminirappers (PLÁCIDO, 2019), além da forte incidência política nos anos 1990 sobre questões de saúde da população negra, desigualdade na educação e mercado de trabalho com a publicação de estudos pelos periódicos institucionais chamados Cadernos Geledés (PRADO, 2020), além de muitos outros.

Geledés é a concretização das reflexões e propostas formuladas ao longo de duas décadas pelo conjunto das mulheres negras brasileiras, para transpor as dificuldades relacionadas à demarcação de um lugar próprio, sem se tornar, no entanto, êmulo do movimento feminista, tampouco do movimento negro. Ao contrário. Toda essa engenharia política visando construir um agente político autônomo, que fosse ao mesmo tempo partícipe das lutas coletivas de mulheres e negros, impulsionou a existência da organização, tornando decisivas essas duas vertentes (do racismo e do sexismo) para a emergência de outra. A missão institucional de Geledés estava, assim, definida: ser uma expressão política das mulheres negras, em luta por igualdade, cidadania, equidade, autonomia (não só em relação a governos e partidos, mas também a outros movimentos sociais, notadamente o movimento feminista e o negro) (BORGES, 2013, posição 705-712).

Como frente da área de comunicação, na segunda década do século XXI o Portal Geledés é um dos maiores portais interseccionais brasileiros, abordando questões de raça, gênero, classe, sexualidade, saúde e juventude. Logo, o Instituto da Mulher Negra é um dos maiores feitos da vida ativista de Sueli Carneiro e está sempre atrelado a sua imagem. “Quando se fala de Geledés, lembramos de Sueli Carneiro” (ALMEIDA, 2010, p.78).

### 3.3.1 MOVIMENTO NEGRO E DE MULHERES NEGRAS

**Quadro 3 (ação)** - Teses e dissertações que apresentam Geledés - Instituto da Mulher Negra como tema central.

<b>Categoria</b>	<b>Autoria/Título</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>
Movimento negro	KASAI, Maria Inêz Nunes. Cor, pobreza e ação afirmativa: o projeto geração XXI (SP,1999/2006)	Dissertação	2006
Movimento de mulheres negras	ALMEIDA, Lady Christina de. "Trilhando seu próprio caminho" Trajetórias e protagonismo de intelectuais/ativistas negras: a experiência das organizações Geledés/SP e Criola/RJ'	Dissertação	2010
Portal Geledés	SILVA, Talita Brasil e. Apropriação cultural da estética negra: práticas discursivas e representações no ciberespaço	Dissertação	2018



Movimento de mulheres negras	PRADO, Suelen Girotte do. Todos os caminhos levam a Geledés: narrativas de autonomia através da organização de mulheres negras Em São Paulo	Dissertação	2020
Portal Geledés	SALDANHA, Patrícia. Práticas informacionais no portal Geledés: histórias e representações sociais sobre mulheres negras.	Dissertação	2021

Fonte: Elaboração da autora

Enquanto nos quadros anteriores feminismo negro foi abordado por uma ótica epistemológica, aqui o conteúdo das produções acadêmicas se refere ao feminismo negro enquanto movimento social, investigado, em grande parte, a partir da análise das ações, programas e articulações coordenadas pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Atuação do Geledés, desde 1988, se deu através da ampliação do debate sobre as questões urgentes para os estratos sociais do país, mais atingidos pelas formas de negligência de políticas públicas e como parte que sofreu resultados de uma conjuntura que é histórica no Brasil (PRADO, 2020, p. 132).

Como citado anteriormente, a atuação do Geledés se articula interseccionalmente (CRENSHAW, 2002) na busca pelo enegrecimento do feminismo e na incidência do debate de gênero dentro do movimento negro. Sobre o movimento das mulheres negras dentro do movimento negro, Sueli Carneiro disse:

Nossa ação acabou sendo tão vigorosa que acabou também por introduzir o debate de gênero no interior do movimento [negro] com as demandas específicas das mulheres negras (CARNEIRO in PRADO, 2020, p. 72).

Junto às organizações da sociedade civil Fala Preta e Criola, Alves (2013) aponta o Geledés como:

Organizações que tratam da temática étnico-racial e que são marcadamente atores políticos e sociais atuantes, influenciando em processos decisórios, devido ao seu alto poder organizativo, intelectual e burocrático que evidencia como a luta antirracista sob a perspectiva das ONGs é heterogênea e se entrelaça com outras questões e outras lutas sociais e políticas (ALVES, 2013, 159).

Em 2022, o Geledés - Instituto da Mulher Negra é composto pelos eixos de ação que são: Direitos Humanos, Educação, Saúde, Monitoramento e Incidência em Políticas Públicas, Comunicação e Portal Geledés. “Em todos esses temas, Geledés desenvolve projetos próprios ou em parceria com outras organizações de defesa dos direitos de cidadania”<sup>8</sup>. Desta forma, pode-se concluir que a instituição estabelece um fluxo de diálogo com variados movimentos sociais em prol de uma dinâmica social igualitária.

### 3.3.2 PORTAL GELEDÉS E COMUNICAÇÃO

Notou-se pertinente dedicar uma sessão onde o foco são as práticas comunicacionais idealizadas pelo programa de comunicação do Geledés. Cabe destacar a forma pioneira com a qual Sueli Carneiro encara a comunicação enquanto ferramenta desde a

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-geledes/>. Acesso em: 6 set. 2022.

fundação do Instituto. O Portal Geledés é uma das frentes do programa de comunicação do Geledés - Instituto da Mulher Negra, que tem o objetivo de dar suporte midiático aos outros programas do instituto (PRADO, 2020).

A frente comunicacional da organização, chefiada pela comunicadora Nilza Iraci, foi formada a partir de uma visão ampla, como afirmou Sueli Carneiro:

Comunicação também representou toda a interface entre a organização e o movimento de mulheres negras e os movimentos negros. Ou seja, era uma visão bem ampla de comunicação, no sentido de ser tanto a busca pela interlocução e parceria com outros movimentos sociais, como a produção de instrumentos de divulgação institucional, e ainda formas de sensibilizar os meios de comunicação para a temática (CARNEIRO in PEREIRA, 2010, p. 230).

É importante destacar como Sueli Carneiro, mulher negra da área da filosofia e da educação, junto às outras mulheres negras que construíram e constroem o Geledés - Instituto da Mulher Negra, têm uma percepção abrangente e esclarecida da comunicação como ferramenta fundamental no ativismo. Tanto a articulação interna e a conversa com outros movimentos sociais como a disputa por espaço nas narrativas midiáticas são percebidas e valorizadas pela equipe do Geledés desde sua criação.

A trajetória da presença na web de Geledés - Instituto da Mulher Negra começa em 1997 com a criação de uma página<sup>9</sup> que anos depois tomou a forma do portal como conhecemos. O Portal Geledés passou por outra grande reestruturação em 2020, com mudança de design e layout, mas permanece o mesmo conteúdo.

**Quadro 4 (Conexão)** - Teses e dissertações que apresentam um ou mais capítulos sobre Geledés - Instituto da Mulher Negra.

<b>Categoria</b>	<b>Autoria/Título</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>
Comunicação	SEBASTIÃO, Ana Angélica. Memória, Imaginário e Poder Práticas Comunicativas e de Ressignificação das Organizações de Mulheres Negras	Dissertação	2007
Movimento de mulheres negras	ALVES, Joyce Amâncio de Aquino. O fortalecimento da identidade étnico-racial e o papel das ONGS negras brasileiras na luta antirracista.	Dissertação	2013
Portal Geledés	SANTOS, Sabriny Suelen dos. Análise discursiva verbo-visual das construções identitárias da comunidade negra brasileira em blogs de moda e blogativismos na década de 2010	Dissertação	2017
Portal Geledés	GOMES, Fernanda Marcela Torrentes. “Eu aborto, tu abortas, somos todas clandestinas” Mídia e Aborto: uma perspectiva do feminismo decolonial.	Dissertação	2017
Portal Geledés	CRUZ, Agnes Sofia Guimaraes. Dados e narrativas sobre a	Dissertação	2018

<sup>9</sup> “Em 20 de novembro daquele ano foi ao ar o primeiro site de uma organização da sociedade civil brasileira” (SANTANA, 2021, p.188).

	violência contra mulheres negras: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo portal Geledés		
Movimento negro	PLÁCIDO, Ricardo do Ó. Territórios negros: cartografias e etnicidades na experiência do Rap paulistano (1970-1990)	Dissertação	2019
Portal Geledés	AZZOLIN, Ágatha Marina Murari. Aposentadoria das Donas de Casa de Baixa Renda no Brasil: um estudo sobre a perspectiva de especialistas, legisladores(as) e movimentos feministas.	Dissertação	2019

Fonte: Elaboração da autora

Em relação ao seu conteúdo, o Portal Geledés é um repositório robusto de produções midiáticas relacionadas principalmente às mulheres negras, mas que abraça o universo anti-racista, questões de gênero e juventude negra. O Portal, em sua grande maioria, é alimentado com conteúdos produzidos por outros agentes comunicacionais, sejam jornais hegemônicos ou veículos de comunicação ativistas. Trata-se um processo de “clipping” ou curadoria das temáticas de interesse da organização. Dessa forma, o Portal Geledés é um espaço web de qualidade no que se refere a uma representação da mulher negra de forma não estereotipada, construída pelas próprias mulheres negras. Essa seleção de publicações que se enquadrem na narrativa determinada pelo Portal Geledés, independentemente do veículo que a publicação foi feita originalmente, garante ao internauta acesso a uma variedade de conteúdos que se aprofundem minimamente nas questões anti-racistas, das mulheres negras, da juventude negra, questões de gênero e direitos humanos no geral.

A produção própria para o Portal Geledés também existe, com a colaboração de textos de membros da organização, além de convidados. E, para além do conteúdo diário, o site é repositório da memória institucional do Geledés - Instituto da Mulher Negra. É um arquivo onde é possível encontrar sobre suas integrantes, sobre as vezes que a organização foi citada na mídia, as publicações feitas pela instituição, além dos projetos e programas elaborados e colocados em prática pelo Geledés.

A categoria Portal Geledés é a que tem mais produções acadêmicas relacionadas e ela. Isso se justifica pela sua importância comunicacional, uma vez que é “referencial para o discurso oriundo de movimentos negros e feministas” (CRUZ, 2018, p.76). Ainda:

Identificamos a atuação do portal Geledés como um espaço que objetiva a produção, o compartilhamento e a disseminação de informações sobre as temáticas de raça e gênero conformando-se um contexto social, cultural, educacional político e econômico, de forma a comunicar, instrumentalizar e empoderar as comunidades negras (SALDANHA, 2021, p. 131).

Na disputa pelo espaço das mulheres negras enquanto produtoras de pensamento, e não objetos de estudo, a estratégia comunicacional do Portal (e da instituição) se apropria do

saber científico “como tática de ressignificação da produção discursiva da memória sobre a mulher negra” (SEBASTIÃO, 2007, p.171).

Durante todo processo de pesquisa e análise do conteúdo das produções acadêmicas selecionadas, foi possível perceber o caráter incisivo e pioneiro que Sueli Carneiro dá à comunicação dentro da luta feminista negra e ao movimento de mulheres negras.

Acreditamos que, ao capitanear o Geledés Instituto da Mulher Negra e o Portal Geledés, Sueli Carneiro foi uma das pioneiras em compreender o potencial da comunicação e das tecnologias na e para a sociedade. Isto é, ela entendeu (...) que as tecnologias e a comunicação não se tratavam de modismos, mas de novas possibilidades de interação, que poderiam atualizar e configurar a vida social, bem como os próprios sujeitos (SILVA, 2021, p.87).

Ocupar o lugar de colunista no *Correio Braziliense* por onze anos e pautar questões raciais, muitas vezes polêmicas, ao oferecer questionamentos que desestruturam o sistema racista brasileiro em um veículo de massa, considerado parte da mídia hegemônica, é um dos principais indícios da compreensão que Sueli Carneiro tem sobre a importância de incidir comunicacionalmente e extrapolar os campos da academia e ativismo, levando ao debate público questões tão caras a população negra brasileira.

(...) o fato relevante é uma mulher negra ativista ter acesso semanal às páginas de um veículo para difundir discursos socialmente reconhecíveis em razão do uso do conhecimento científico. Neste sentido, podemos identificar uma intertextualidade dupla com o feminismo negro ao destacar uma mulher negra como a protagonista e a ênfase no combate ao racismo (SEBASTIÃO, 2007, p. 175).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do estudo foi possível investigar teses e dissertações escritas sobre a vida e/ou obra de Sueli Carneiro e também sobre o Geledés - Instituto da Mulher Negra. Transitamos pelo Quadro 1: afeto, Quadro 2: memória, Quadro 3: ação e Quadro 4: conexão, que nos apresentam sob quais abordagens a intelectual foi destacada. No afeto, pôde-se conhecer um recorte da vida de Sueli Carneiro e a forma íntima com que inspira outras mulheres negras acadêmicas e ativistas. Na memória, as falas potentes de Sueli elucidaram sobre o contexto histórico do desenvolvimento do movimento negro brasileiro. Na ação, explicita-se como a incidência prática, social e política, de uma comprometida articulação de mulheres negras pode desestabilizar e romper com práticas racistas estruturais. Por fim, na conexão, constata-se a relevância da prática comunicacional para a luta de grupos marginalizados.

Portanto, no âmbito das teses e dissertações investigadas sobre Sueli Carneiro entre os anos de 2006 e 2021, foi possível verificar que vida e obra da intelectual foram abordadas em três principais eixos que convergem, se complementam e são inseparáveis, mas

que se mostram fortes o suficiente para serem citados individualmente: ativismo, pensamento teórico/acadêmico e expressividade comunicacional.

Os anos de trabalho e atuação junto ao movimento de mulheres negras e à equipe do Instituto Geledés estão diretamente atrelados ao ativismo.

Quando trata-se do pensamento teórico/acadêmico, o desenvolvimento e aprofundamento dos conceitos de dispositivo de racialidade/biopoder e epistemicídio são destaque e servem como estrutura fundamental para a construção de muitos outros debates relacionados à população negra no Brasil.

Além disso, as contribuições de análise estatística sobre a desigualdade que as mulheres negras brasileiras enfrentam no âmbito escolar e profissional, junto às diversas análises afiadas sobre desigualdade racial que mesclam vivência, aprofundamento histórico e análise crítica social da situação da população negra brasileira como um todo, servem como munição na construção argumentativa dentro dos debates teóricos raciais e de gênero levantados pelo material selecionado.

As variadas contribuições textuais de Sueli Carneiro para colunas de jornais como *Correio Braziliense* e *Folha de São Paulo*<sup>10</sup>, além de outros veículos, tiveram o papel de pautar no debate público o racismo e a discriminação de gênero. Destaca-se a participação de Sueli Carneiro no *podcast* Mano a Mano, apresentado pelo *rapper* Mano Brown, divulgado em maio de 2022. Plácido (2019) destaca a relação do Geledés com a juventude negra e a importância do instituto no desenvolvimento do *rap* em São Paulo nos anos 1990. Tal relação é resgatada no programa onde Sueli dissecava variados temas pertinentes ao debate racial como genocídio do povo negro, empreendedorismo e lei de cotas<sup>11</sup>. Em uma sociedade ainda embriagada pela ideia de uma inexistente democracia racial, a intelectual negra alça espaços midiáticos a fim de incentivar a disputa por uma narrativa de resistência à hegemonia racista que se fortalece na prática de silenciar uma série de grupos sociais, aqui em destaque as mulheres negras. Como citado acima, mesmo que a autora não fale diretamente sobre racismo ou sexismo, a importância está no protagonismo de Sueli Carneiro enquanto mulher negra, intelectual orgânica, liderança do movimento de mulheres negras e um dos principais nomes fundadores do feminismo negro brasileiro.

---

<sup>10</sup> Sueli Carneiro integrou o Conselho Editorial da Folha de São Paulo por menos de um mês em 2021. A intelectual ativista deixou a equipe do jornal em protesto ao texto “Luxo e riqueza das ‘sinhas pretas’ precisam inspirar o movimento negro”, do colunista Leandro Narloch publicado em setembro do mesmo ano. Mesmo após o acontecido, a Folha de São Paulo manteve o jornalista na equipe. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/sueli-carneiro-deixa-conselho-editorial-da-folha/>. Acesso em: 3 out. 2022.

<sup>11</sup> “Mano Brown recebe Sueli Carneiro”, de Mano a Mano. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCPr>. Acesso em: 30 mai. 2022.

Semelhante à Lélia Gonzalez como indicado por Moura e Santos (2021), Sueli Carneiro é apontada como protagonista de uma frente que confronta o sistema hegemônico ocidental em busca do fortalecimento de uma subjetividade coletiva racial e de gênero sensível, alerta às diferentes estruturas de opressão do mundo pós-colonial. É importante destacar que tais estruturas de opressão se articulam harmoniosamente como herança da era colonial, da diáspora africana e do eurocentrismo, e existem como ferramenta de manutenção das diversas desigualdades sociais.

As intelectuais ativistas, junto a outras mulheres negras, constroem uma narrativa de resistência ao racismo e a opressão de gênero de maneira conjunta, mas com variadas abordagens. Por isso, é preciso celebrar os aprendizados plantados e cultivados por Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, além de mulheres como Conceição Evaristo, Luiza Barros, Matilde Ribeiro, Jurema Werneck, Edna Roland e tantas outras.

Tais mulheres negras são agentes que lutam pela desestabilização do dispositivo de racialidade e buscam mudar os arranjos disposicionais de forma subversiva ao ressignificar e inventar novas formas de resistir (SILVA, 2021).

Na próxima etapa da pesquisa geral, será divulgado o resultado do levantamento da contribuição de Lélia Gonzalez (MOURA e SANTOS, 2021) e a presente etapa com o levantamento de Sueli Carneiro. O Projeto coordenado pela orientadora está inscrito no CNPq com Bolsa PQ.

Sigamos citando seus nomes e referenciando suas ideias como forma de combate ao esquecimento e, sobretudo, como forma de contribuir para o compreensão do feminismo negro na formação das jornalistas negras brasileiras. Viva Sueli Carneiro!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AKOTIRENE, Carla. Feminismos plurais: Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2018.

BORGES, Rosane da Silva. Retratos do Brasil Negro: Sueli Carneiro. São Paulo: Selo Negro, 2009.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (Org.). Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/>

[obras\\_digitalizadas/heloisa-buarque-de-hollanda-pensamento-feminista\\_-conceitos-fundamentais-bazar-do-tempo-2019\\_.pdf](#). Acesso em: 1 set. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados, v.17 n. 49, São Paulo, set./dez, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Painel 1 - Cruzamento: raça e gênero, 2002. Disponível em: <https://www.nesp.unb.br/popnegra/images/library/Kimberle-Crenshaw-Interseccionalidadenadiscriminaoderaaegenero.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Disponível em: [https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A\\_Microfisica\\_do\\_Poder\\_-\\_Michel\\_Foucault\\_.pdf](https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault_.pdf). Acesso em: 1 jun. 2022.

KOLLONTAI, Aleksandra. et al. Introdução ao pensamento feminista negro. Edição 1. São Paulo: Boitempo, 2021. Disponível em: [https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2021/03/por-um-feminismo-para-os-99\\_introducao-ao-pensamento-feminista-negro\\_textos-de-apoio.pdf](https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2021/03/por-um-feminismo-para-os-99_introducao-ao-pensamento-feminista-negro_textos-de-apoio.pdf). Acesso em: 22 ago. 2022.

MARTINS, Meirele Silva. MOITA, Júlia Francisca Gomes Simão. Formas de silenciamento do colonialismo e epistemicídio: Apontamentos para o debate. 2018. Disponível em: [https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mireile\\_silva\\_martins.pdf](https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mireile_silva_martins.pdf). Acesso em: 30 ago. 2022.

MOURA, Dione Oliveira. ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/31148>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MOURA, Dione Oliveira. SANTOS, Elen Cristina Ramos dos. Constructos referenciais das jornalistas negras brasileiras: Lélia Gonzalez, memória viva fundadora do feminismo negro afrolatinoamericano. 2021. Disponível em: <https://sites.uepg.br/jornalismo/ocs/index.php/7coloquiomulheresociedade/7coloquiomulheresociedade/paper/view/340>. Acesso em: 1 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, 1993.

SANTANA, Bianca. Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010.

## TESES E DISSERTAÇÕES (CORPUS DA PESQUISA)

ALMEIDA, Lady Christina de. Trilhando seu próprio caminho: Trajetórias e protagonismo de intelectuais/ativistas negras: a experiência das organizações Geledés/SP e Criola/RJ. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.17333>. Acesso em: 3 ago. 2022.

ALVES, Joyce Amâncio de Aquino. O fortalecimento da identidade étnico-racial e o papel das ONGS negras brasileiras na luta antirracista. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230414>. Acesso em: 1 ago. 2022.

AZZOLIN, Ágatha Marina Murari. Aposentadoria das Donas de Casa de Baixa Renda no Brasil : um estudo sobre a perspectiva de especialistas, legisladores(as) e movimentos feministas. 2019. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38609>. Acesso em: 1 ago. 2022.

BARTHOLOMEU, Juliana. Epistemologias negras insurgências e deslocamentos intelectuais em Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://k-repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/61744/vers%C3%A3o\\_final\\_Dissertacao\\_Juliana\\_Bartholomeu.pdf?sequence=1](https://k-repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/61744/vers%C3%A3o_final_Dissertacao_Juliana_Bartholomeu.pdf?sequence=1). Acesso em: 5 ago. 2022.

BRITO, Bianca Maria Santana de. A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo. 2020. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-01032021-161836/pt-br.php>. Acesso em: 3 ago. 2022.

CRUZ, Agnes Sofia Guimaraes. Dados e narrativas sobre a violência contra mulheres negras: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo portal Geledés. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157447>. Acesso em: 1 ago. 2022.

GIUSEPPE, Aline Di. Intelectuais negras e o movimento do conceito como intervenção do mundo. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67235>. Acesso em: 1 ago. 2022.

GOMES, Fernanda Marcela Torrentes. “Eu aborto, tu abortas, somos todas clandestinas” Mídia e Aborto: uma perspectiva do feminismo decolonial. 2017. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188077>. Acesso em: 1 ago. 2022.

GOMES, Marcus Vinícius. O Movimento Negro e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial: um estudo sobre a luta por sentidos sobre a desigualdade racial no Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getúlio



Vargas, São Paulo, 2009. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/5340>. Acesso em: 3 ago. 2022.

KASAI, Maria Inez Nunes. Cor, pobreza e ação afirmativa: o projeto Geração XXI (SP, 1999/2006). 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11072007-104623/pt-br.php>. Acesso em: 1 ago. 2022.

LOBATO, Danielle de Castro Silva. Contribuições de Sueli Carneiro para o pensamento decolonial, feminista e anti-racista latino-americano. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/40706>. Acesso em: 1 ago 2022.

PEREIRA, Amilcar Araújo. "O mundo negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22402>. Acesso em: 1 ago. 2022.

PLÁCIDO, Ricardo do Ó. Territórios negros: cartografias e etnicidades na experiência do Rap paulistano (1970-1990). 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-02122019-152750/pt-br.php>. Acesso em: 1 ago. 2022.

PRADO, Suelen Girote do. Todos os caminhos levam à Geledés: narrativas de autonomia através da organização de mulheres Negras em São Paulo. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23405>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SALDANHA, Patrícia. Práticas informacionais no portal Geledés: histórias e representações sociais sobre mulheres negras. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230414>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SANTOS, Sabriny Suelen dos. Análise discursiva verbo-visual das construções identitárias da comunidade negra brasileira em blogs de moda e blogativismos na década de 2010. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AX2GXN>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. Memória, Imaginário e Poder Práticas Comunicativas e de Ressignificação das Organizações de Mulheres Negras. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses\\_dissertacoes\\_interna.php?dissertacao=10](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=10). Acesso em: 1 ago. 2022.

SILVA, Pâmela Guimarães da. De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência. 2021. Tese (Doutorado em

Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.  
Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40832>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SILVA, Talita Brasil e. Apropriação cultural da estética negra: Práticas discursivas e representação no ciberespaço. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/37412>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SOARES, Victor Hugo Leite de Aquino. Mar aberto: Diáspora Negra e(m) imagens no audiovisual e no teatro. 2019. Dissertação (Mestrado em Arte) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39413>. Acesso em: 1 ago. 2022.